

A BANDEIRA
Vermelha



JORDAN SOUZA

A BANDEIRA
Vermelha

JORDAN SOUZA

1ª edição
2017

Copyright © 2017 by Jordan Souza

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização do autor.

Imagem da Capa

Stephen Bowler

Arte da Capa

Angela Heidorn

ASIN

B06XGYTQ9L

I. O SEGUNDO INCÊNDIO

Howard Montreal sempre tropeçava no meio fio lascado antes de sair para sua corrida matinal. Passava o resto do dia tentando não esquecer de que precisava consertar aquele problema, porém, quando a manhã seguinte chegava, a repetição do incidente deixava claro que não havia feito nada.

O ar frio costumava relaxá-lo. Sentia o vento penetrar em seus poros, o que parecia aumentar em cem vezes a sensação de adrenalina das corridas. Entretanto, algo estava diferente na manhã daquele 13 de junho. Talvez fosse o céu, amargo e antipático – sem sol e sem nuvens: só cinza. Ou o fato de que seu celular estava sem bateria, fazendo do som da sua respiração o único a ser ouvido durante o exercício. Quem sabe fosse o cheiro estranho que pairava no ar, indefinido e, ainda assim, familiar. De qualquer forma, pressentia algo diferente no ambiente, só não sabia dizer o que era.

As tão conhecidas folhas secas despencavam das árvores, pintando o chão das ruas de cores quentes. O contraste do céu cinza com o chão amarelo e laranja trouxe um sorriso opaco ao rosto de Howard, que amava essa época do ano – assim como todos os moradores de Autumn Valley –, porém, ainda tentava captar a origem da negatividade que parecia o cercar.

Encurtando sua corrida, pegou um atalho na orla da floresta. Movendo-se depressa, Howard tentou não prestar atenção na urgência com que seus pés se moviam. Em vez disso, encarou a copa colorida das árvores. Não avistou nenhum esquilo ou pássaros, animais que geralmente habitam essa margem rasa da mata. Parecia que os bichos tinham aproveitado o clima para se esconder em um buraco quente e procurar conforto.

Adiantado, Howard chegou em casa e abriu a porta da cozinha com um solavanco, deixando seu tênis na soleira. O interior era simétrico, organizado e impecável. No lugar dos tradicionais enfeites em formato de pinguins, sua geladeira trazia no topo diversas miniaturas de personagens de séries de TV e clássicos do cinema. O balcão bege parecia intocado de tão limpo, enquanto o cheiro fresco das laranjas da fruteira adocicava o ar.

Inexplicavelmente tenso, Howard ligou a TV e instintivamente selecionou o canal de notícias. Enquanto começava a preparar seu suco, foi surpreendido pela voz nervosa da âncora do jornal da manhã. A manchete exposta no canto inferior direito da tela mudou sua vida para sempre.

Escola Fundamental de Autumn Valley é destruída em incêndio.

Naquele momento, Howard sentiu um choque elétrico descendo pela espinha. Ensinava Ciências em Autumn Valley desde que tinha se tornado professor. Aquela escola era seu segundo lar, assim como os alunos eram queridos como filhos. De repente, seu mal-estar fez todo o sentido. De alguma maneira, soubera que algo ruim estava por vir. Sentiu isso. Deixou a TV ligada e disparou em direção à porta. Ainda usando seu úmido e amassado traje de corrida, entrou no carro e sumiu na estrada.

II. DANIEL

O fogo ainda ardia quando Howard estacionou, algumas quadras de distância da escola. De longe era possível ver a fumaça negra e espessa que se atirava ao céu, tornando o dia nublado ainda mais deprimente. O corpo de bombeiros tentava, ainda sem sucesso, controlar as labaredas gigantescas que engoliam o prédio e cuspiam cinzas e destroços.

A escola era uma construção antiga e imponente. Tratava-se de um palacete marrom, com tijolinhos retangulares arrumados em fileiras organizadas. As janelas eram tão antigas que não existia mais em lugar nenhum do mundo aquele tipo de vidro. No centro erguia-se uma torre alta, com um relógio analógico na ponta. Howard tentou se lembrar de todos os detalhes daquela bela arquitetura, mas naquele momento, com fogo destruindo tudo, não enxergou nada além de uma mancha vermelha e preta dançando diante de seus olhos.

A rua estava apinhada de gente. Curiosos, em sua maioria, mas também professores, pais e repórteres. A escola ficava no final de uma rua larga, ladeada por calçadas de pedregulhos brancos e cinzas. No lado direito, grandes árvores balançavam com o vento. No esquerdo, apenas cercas e grades. Howard sempre achou engraçado o fato de a rua ter muitas árvores de um lado e nenhuma do outro; parecia um acabamento irregular. Como uma fotografia que, por algum motivo, fora conservada em uma moldura incompleta.

Maxime Pratt, a diretora da escola, puxou Howard pelo braço, em prantos. Em anos de serviço, o professor jamais vira a poderosa Maxime tão vulnerável. Lágrimas pesadas e redondas desciam pelo seu rosto, lavando toda a maquiagem. “Eu sinto muito, Howard”, resmungou. “Eu tentei tirá-lo de lá, mas a fumaça não me deixava ver nada. Eu... Eu... Ah.”

Só então Howard percebeu o estado das roupas e do cabelo de Maxime. Estava chamuscada dos pés à cabeça, com rasgos em alguns pontos do caríssimo terno azul royal. Com a garganta enrolada, Howard perguntou: “Tirar quem? Quem estava lá?”.

Ao ouvir a pergunta, Maxime esbugalhou os olhos. Percebeu que Howard ainda não sabia o que tinha acontecido. Ajeitou seu cabelo vermelho para o lado, em uma tentativa falha de recuperar a postura. Parando de chorar momentaneamente, Maxime falou, devagar. “Daniel Stevens. Ele está morto. Quem faria uma coisa dessas?”.

Howard não respondeu. Para ele, naquele momento, era impossível falar sem desabar. Percebeu com o canto dos olhos a movimentação rápida do esquadrão de resgate, que levava uma maca coberta por um lençol branco para dentro de uma van vermelha e branca. Seu primeiro instinto foi o de gritar desesperado, mas sua voz não saiu. Estava paralisado. Daniel se fora.

III. A BANDEIRA VERMELHA

Muito tempo atrás, Howard chorara a morte de sua família. Sua mais vívida lembrança era do dia em que chegara em casa e ouvira os gritos de seu irmão enquanto queimava. Incêndio criminoso, disseram os peritos. Entretanto, nunca foi descoberto o porquê e ou quem. O evento daquele dia o

destruiu. Desde então, Howard nunca pensou que fosse sentir *aquela* dor outra vez. Infelizmente, estava enganado. Quando soube que seu aluno e pupilo estava morto, reviveu seu pior pesadelo.

Dan Stevens tinha cinco anos quando foi matriculado na escola. Era uma criança miúda, quase esquelética e nunca sorria. Tinha um brilho curioso no fundo do olhar, como se quisesse fazer mil perguntas mas tivesse medo das respostas. Esse mesmo brilho era a principal característica de Corey, falecido irmão de Howard. Instantaneamente, nasceu um vínculo entre os dois. Via de regra, um professor não pode favorecer nenhum aluno, porém, a relação entre Howard e Daniel era tão natural que ninguém ousava contestar. Sem pai presente, Dan via em seu professor um modelo a ser seguido; uma figura masculina exemplar. Enquanto isso, Howard o tomava por um amigo, um irmão mais novo, um filho.

Na manhã do incêndio, Cassandra, mãe de Dan, deixara-o na escola mais cedo. O garoto, que agora tinha oito anos recém-completos, ficaria sentado perto da sala da diretora, a primeira membro do corpo docente a chegar na escola, até que as aulas começassem. Segundo a perícia, o fogo teria começado pelo lado oeste do prédio. Maxime, quando percebeu as chamas se arrastando pelos corredores, saiu desesperada procurando por Dan – que não estava onde deveria.

A perícia encontrou uma bandeira vermelha no portão de entrada. Um pequeno retalho quadrado de pano, colorido em vermelho forte. Em qualquer lugar do mundo, aquele detalhe passaria despercebido. Em Autumn Valley, o objeto tinha um significado terrível.

Nos últimos sete meses, a cidade sofria um medo coletivo. A ameaça não tinha nome, rosto ou qualquer indicativo de que realmente existia. Exceto, claro, os vários prédios queimados até o chão e a pilha de corpos. Vinte incêndios, de todos os tamanhos e proporções. Sete mortos, dezoito feridos e dezenas de famílias que perderam seus lares. Em todos esses incêndios, havia algo em comum: uma bandeirinha em tecido vermelho. No começo foi visto como coincidência, mas, na medida em que as ocorrências aumentavam e as autoridades não paravam de encontrar semelhanças entre os casos, foi admitida a hipótese de um incendiário em série. Queimara lojas, residências, escritórios, galpões e, aparentemente, escolas.

IV. CORROMPIDO

Howard não saía de casa desde o incêndio. Estava em estado de completo luto, desespero e incredulidade. Nunca percebera – ou admitira – sua proximidade com Daniel. Tentava pensar em outras coisas, mas sua mente estava constantemente lembrando de momentos passados que não voltariam mais. O fato de não ter o trabalho para distraí-lo fazia de tudo um pouco mais doloroso.

Perdido em pensamentos, Howard não notou as chamas do fogão fugirem do controle. Cozinhar era um de seus passatempos favoritos, mas não conseguia se concentrar. Largou a panela fumegando e desistiu do prato que preparava. *Ah, o fogo.* Sempre o fogo. Começava a nutrir uma curiosidade raivosa, incômoda e perigosa. Como podia uma coisa tão simples como uma brasa crescer em algo tão avassalador como um incêndio? Junto desses pensamentos, surgiam imagens de seus pais e irmão, que agora tinham a companhia de Daniel Stevens.

Alguns dias depois, a família realizou um singelo e pequeno enterro para Dan. A tragédia havia abalado a cidade de um jeito diferente. Apesar de não ser a primeira vítima fatal do incendiário, Dan foi o mais novo, causando comoção geral.

Cassandra nunca tinha visto o Professor Montreal usando algo diferente de um suéter, colete e jeans. Porém, parado ali no cemitério, ele parecia outro homem. Usava um terno preto, havia deixado de lado os óculos e sua expressão era um misto de agonia e dor. Sua pele pálida refletia a luz do sol fraco, enquanto seus dentes rangiam em um sinal de angústia.

Howard, por sua vez, não prestava atenção no enterro. Naquele momento, sua cabeça voava a mil por hora, levando-o em direção a seu passado distante... Uma tarde ensolarada onde ele e Corey corriam no largo gramado no quintal de sua casa.

“Cuidado, vão devagar!”, gritou Ana da varanda. A mãe de Howard era uma leitora assídua e aquela cadeira de praia xadrez, com bordado nas pontas, era seu lugar favorito para descansar e desfrutar um bom livro. Os passos desgovernados das crianças constantemente roubava sua atenção. “Esses dois ainda vão se matar”, falou para Joseph, seu marido, que estava de costas para ela enquanto preparava o almoço na nova churrasqueira a gás da família.

“São só crianças”, respondeu Joseph, distraído, “correr e se machucar faz parte da infância.”

Alguns minutos depois, Joseph chamou as crianças para a mesa. Suados e sem fôlego, Howard e Corey vieram com a língua para fora.

A mesa redonda usada para refeições no jardim estava pronta. Ana acomodou a todos e a si mesma, enquanto seu marido servia a refeição. Era um domingo típico. Depois de uma semana toda de trabalho pesado - tanto para Ana quanto para Joseph -, com tarefas domésticas, estresse com filhos e escola, contas para pagar e o peso de deveres ainda pendentes, os Montreal sempre se presenteavam com um tranquilo e privado almoço em família. Sem vizinhos, colegas ou parentes... Só os quatro.

Assim que terminou, Corey prontamente se pôs de pé e correu para frente da churrasqueira. “Vou pegar mais”, disse com sua voz delicada. Ana e Joseph, que conversavam sobre o livro que Ana andara lendo, confirmaram com a cabeça. Enquanto Corey mexia na carne sobre a chapa, Howard percebeu que

algo estava errado. Um cheiro estranho de gás no ar. Antes que pudesse raciocinar com clareza, pulou da mesa e se jogou sobre seu irmão - atirando-o no chão. Nem meio segundo depois, a churrasqueira explodiu e cuspiu uma labareda de fogo no céu.

Os pais correram para socorrer os meninos, que felizmente saíram ilesos. Enquanto Ana e Joseph arrumavam a bagunça e checavam inúmeras vezes por machucados nos filhos, Howard e Corey se encaravam com afinco, sem piscar. Era um olhar novo entre os dois: o de companheirismo e amor puro. Com aquele olhar, Corey queria dizer “obrigado por me salvar” e Howard “sempre vou estar aqui para te proteger”.

Com um baque surdo, o caixão de Dan Stevens tocou o fundo da cova. A imagem fez Howard sair de seus pensamentos e entrar em outros muito piores. O grito de Corey enquanto era torturado nas chamas. O corpo sem vida e destruído de seus pais. Porém, a imagem que mais o atormentava era a do investigador que cuidara do caso do incêndio da família Montreal. “Não sabemos quem fez isso”, ele lembrava. “Eu sinto muito”. Como se isso adiantasse de alguma coisa.

O canto triste e lúgubre da procissão embalava Howard. A dor não cessava, fazendo-o perceber que precisava de encerramento. Incendiar uma família dentro de sua própria casa é errado. Matar é errado. Queimar escolas é errado. Porém, mais errado do que qualquer uma dessas coisas é assistir ao show de horrores e não fazer nada para impedir. Olhando para o céu opaco, Howard cerrou os punhos e jurou que o assassino de Daniel estava prestes a receber o que merecia, custe o custasse.

V. O TERCEIRO INCÊNDIO

O mês que se seguiu pareceu se arrastar para Howard. Ele mudou de ideia e desistiu do seu plano mais de uma vez antes de finalmente abraçá-lo. Sabia que não era certo, mas estava decidido a fazer algo. As investigações policiais não traziam resultados, levando Howard de volta àquele sentimento horrível de impunidade que conheceu ainda criança. Foi esse sentimento que o encorajou.

Autumn Valley finalmente começava a dar indícios de que estava se recuperando dos acontecimentos e as pessoas falavam a si mesmas que o incendiário tinha sumido para sempre.

Ainda assim, o professor estava mais miserável do que nunca. O reflexo no espelho mostrava um rosto austero, muito diferente do que os alunos costumavam ver em sala de aula. Sua barba crescia em um formato rebelde, complementando a estranha e mal-humorada feição. Bolsas roxas se escondiam sob seus olhos, sinais das infinitas noites que passava em claro - perdido em pesadelos e devaneios.

Sua casa estava abandonada. Os cacos de sua miniatura favorita jaziam aos pés da geladeira, resultado de um ataque de fúria. Os cômodos mergulhavam em uma penumbra, visto que Howard nem fazia questão de abrir as janelas e iluminar o ambiente.

Entrou no banho. A água gelada escorria pelo seu corpo rígido, massageando a pele e levando embora o suor. O olhar vidrado e desfocado de Howard encarava o vazio, enquanto seus pensamentos se perdiam no desejo de vingança. De súbito, saiu do chuveiro e vestiu-se. Ao amarrar o cadarço do tênis de corrida, decidiu que não esperaria a polícia. Iria em frente com seu plano.

**

Howard era dono de um casebre no final de Magnólia, um bairro afastado do centro. A propriedade estava no nome de seu pai, mas ele nunca havia usado. Era longe, velha e antiquada. Um verdadeiro peso em suas costas, visto que não valia nada no mercado imobiliário. Era, entretanto, uma isca perfeita.

Apressado, saiu correndo pela porta da frente. Carregava em uma mochila tudo o que precisava: querosene, uma caixa de fósforos e, o mais importante, um retalho quadrado de pano vermelho.

VI. PETRA

O orgulho que as pessoas possuem pelo seu trabalho é o que as torna acessíveis. Seu ego, quando inflado, as faz vulneráveis. Howard apostou no orgulho do incendiário para atraí-lo.

Logo após despejar os fluido inflamável e jogar um fósforo aceso em tudo, Howard fez uma ligação anônima para alguns jornais da TV e para a polícia, correndo para observar a ação de uma distância segura. Em poucos minutos, a mídia da cidade se aglomerava perto do incêndio.

A pequena cabana de seu pai não fora páreo para as chamas grossas e imponentes que se ergueram, consumindo cada fibra da construção. Howard assistia maravilhado, seduzido pela grandeza do espetáculo que tinha preparado.

Logo os bombeiros começaram a controlar as chamas, enquanto os policiais varriam as redondezas em busca de evidências. Tudo o que Howard queria era que o verdadeiro incendiário assistisse as matérias no jornal ou as ouvisse no rádio. Precisava saber que tinha alguém enviando um sinal, um desafio.

Nada aconteceu.

Após uma longa noite acordado de tocaia, Howard começara a perder as esperanças. Ninguém aparecera na casa, que ainda soltava fumaças finas. Quando estava prestes a desistir, eis que surge uma criatura caricata: aparentava ser uma mulher, alta, esguia e com o rosto coberto por um longo pano preto. Poderia não ser ninguém importante, apenas alguma curiosa à procura de problemas. Porém, sua postura raivosa e ferida a entregou. Olhando para os dois lados para ver se não tinha companhia, a mulher removeu o manto que cobria seu rosto, revelando a fisionomia mais medonha que Howard já vira. Tinha olhos cor azul gelo, pele tão branca que era quase translúcida. Seu olhar era de puro medo e discórdia. A bandeira vermelha que Howard depositara na caixa de correios não estava mais ali - fora retirada pela perícia -, porém, era claro como o dia que a estranha caçava sinais do seu copiador. Howard sentiu um frio na nuca, começando a se arrepender do que tinha feito.

Então, a imagem de Dan veio em sua mente. Ele sorria feliz, realizado. Tinha uma vida inteira pela frente, onde poderia ser o astronauta que sempre sonhara. De repente, a imagem gélida do caixão apareceu. Um ódio perverso invadiu suas veias, um que nunca havia sentido. Sem saber exatamente o que planejava fazer em seguida, Howard saiu de seu esconderijo em um pulo. A estranha, porém, havia desaparecido.

Decepcionado com sua demora, correu para o carro, estacionado atrás de uma fileira ordenada de cercas vivas. Ela devia estar por perto. Tão desesperado pela sede de justiça e vingança, Howard nem percebeu a figura bizarra da mulher, e seus olhos vazios, encolhida sob o banco do seu carro.

VII. CONSUMIDO

Pela primeira vez, Howard se lembrou da falha no meio fio. Desviou graciosamente, sentindo-se derrotado por chegar em casa sem ter encontrado a mulher. Ameaçara sua carreira queimando uma casa para atraí-la, mas não conseguira nada. Quando girou a chave na fechadura da frente, ouviu um som oco atrás de si. A porta do seu carro batendo. Virou-se rapidamente, a tempo de ver a mulher indo ao chão, com o pé preso no concreto mal acabado do meio fio. Em um misto de coragem e estupidez, Howard correu e puxou-a para dentro de casa pelos cabelos.

“Por quê?”, foi tudo o que conseguiu perguntar. A estranha estava quieta, olhando para o teto. Só então Howard percebeu que ela não possuía cem por cento de suas faculdades mentais. Podia ver em seus olhos que não existia nenhuma consciência naquele corpo.

“Vou ligar para a polícia.”, afirmou Howard, se aproximando do telefone.

A simples menção da polícia levou a estranha a loucura, fazendo-a falar desesperadamente. “Não, não, não. Polícia não. Quero fogo, pois é o único jeito de destruir eles. Petra, eu Petra, eu, sabe, sei disso.”

“Destruir quem? Você é Petra?” De súbito, Howard percebeu que corria perigo. Sua visitante não fazia nenhum sentido, apenas balbuciava palavras aleatórias. “Você matou inocentes, Petra. Crianças.”

O olhar de Petra cravou-se em Howard. “Ninguém é inocente.”

Mal terminou de falar, Petra levantou-se e correu em direção à porta da sala. Trancada.

“Você sai daqui ou para um hospício ou não sai viva. O que vai ser?”

Enquanto anunciava a ameaça, Howard sentiu uma onda de adrenalina. Era ainda mais gratificante do que suas corridas. Petra tentou gritar, mas Howard jogou uma estatueta que ficava na estante em sua cabeça, nocauteando-a.

**

O cheiro forte acordou-a. Ela estava amarrada em uma cadeira, no meio da sala de Howard. O chão estava coberto de querosene, era possível sentir de longe o odor pungente e repugnante do líquido. A primeira coisa que a mulher percebeu foi uma foto colada na parede mais próxima: era Daniel Stevens. “Daniel, Daniel, foi pro céu, foi pro céu” cantarolou, rindo. Howard não achou que pudesse nutrir tanta raiva por um ser que era, claramente, doente. Mas nutria. E não se desculparia por isso. Não tinha mais sua escola, toda a cidade estava em clima de luto, seu aluno e amigo fora assassinado – uma criança fora carbonizada. A culpada por tudo isso não parecia ter controle de seus atos, mas Howard não se importava. Um só fósforo no chão daquela sala alagada seria o fim. Odiava admitir, mas sentira uma atração muito perigosa quando queimou o casebre de seu pai. Queria ser tomado por aquele sentimento gratificante mais uma vez.

“Oh, pequeno homem. Acenda o fósforo. Sei que quer. O fogo te encantou, não foi?”

Howard ignorou a pergunta pois não queria lidar com a resposta. *Sim*, pensou. *O fogo é*

extraordinário. De súbito, ele sabia o que precisava fazer. O que queria fazer. Deu uma última olhada no interior de sua casa, contemplando as boas e más lembranças. Despediu-se silenciosamente, enquanto seu coração se enchia com uma inesperada sensação de paz.

Respirou fundo, tirou a foto de Dan da parede e colocou no bolso. Pensava em seus pais e em sua morte sem solução. Pensava em Corey, reduzido a cinzas.

Então cedeu.

Durante apenas um segundo, Howard perdeu toda sua humanidade. Foi um segundo absurdamente efêmero, porém, para o azar de Petra, foi o suficiente. O fósforo aceso deslizou de seus dedos, e a imagem das chamas nascendo parecia um filme em câmera lenta. O fato que coroou a cena foi o sorriso de aprovação no rosto de Petra.

Sem nenhum arrependimento, Howard deu as costas para seu antigo mundo, agora ardendo em chamas. Todas as dores, as memórias e a parte material de sua existência ficara para trás. Dan finalmente recebeu a vingança que merecia, mas seus pais ainda não. Era esse sentimento que movia Howard agora.

Antes de entrar em seu carro e abandonar Autumn Valley para sempre, Howard Montreal aceitou de braços abertos sua nova identidade. Abaixou-se devagar e deixou um retalho de pano quadrado e vermelho preso no maldito buraco do meio fio.



Jordan Souza nasceu em Curitiba, no Paraná. Desde o início da sua vida escolar, sempre se interessou pela leitura e por contar suas próprias histórias. O amor pelo *storytelling* e pela criação o levou para o curso de Publicidade e Propaganda, onde se formou na Universidade Positivo em 2017 e deu início a sua carreira como escritor independente. O conto “A Bandeira Vermelha” é sua primeira publicação oficial, feita através do Kindle Direct Publishing (KDP) da Amazon.



facebook.com/OJordanSouza



medium.com/@OJordanSouza

@ ojordansouza@gmail.com

Table of Contents

[I. O SEGUNDO INCÊNDIO](#)

[II. DANIEL](#)

[III. A BANDEIRA VERMELHA](#)

[IV. CORROMPIDO](#)

[V. O TERCEIRO INCÊNDIO](#)

[VI. PETRA](#)

[VII. CONSUMIDO](#)